



RESENHA: CORONAVÍRUS E A LUTA DE CLASSE

Felipe Alan Souza Santos  

Doutorando em Geografia, Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua

Contato: felipesantosprof@hotmail.com.

Jovenildo Cardoso Rodrigues  

Professor, Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua

Contato: jovengeo@yahoo.com.br

Como citar: DAVIS, M. et al. Coronavírus e a luta de classe. Piauí: Terra sem Amor, 2020. Resenha de: SANTOS, F. A. S.; RODRIGUES, J. C. *Revista Formação (Online)*, v. 29, n. 54, p. R9-R15, 2022.

Recebido: 31/08/2021

Aceito: 10/10/2022

Data de publicação: 20/12/2022

DAVIS, M. *et al.* **Coronavírus e a luta de classe**. Piauí: Terra sem Amos, 2020.

O período pandêmico no espaço territorial brasileiro foi repleto de contradições e obstáculos, tornando-o campo fértil para uma análise científica para a ciência geográfica. A perspectiva da geografia permite entender que as relações sociais, mesmo as mais simples, como as relações de trabalho, de lazer, as trocas comerciais, a vida privada, que compõem a vida cotidiana, é atributo construtivo do espaço-tempo de uma determinada sociedade. Deste modo, a editora terra Sem Amos oferece um debate profícuo que permita a compreensão do dilema pandêmico que assolou o cenário internacional e a contradições existente dentro do modelo capitalista que amplia as desigualdades e vulnerabilidades.

Abrilhanta o debate ilustres pesquisadores: o ativista político, historiador e estudioso do urbano Mike Davis, que produz uma crítica sobre o poder de classe na Califórnia. David Harvey, professor da City University of New York, discute a geografia urbana com uma forte reflexão sobre a teoria capitalista segundo estudo de Marx. Alain Bihr, sociólogo francês, destaca-se na reflexão sobre o movimento operário e nos estudos socialista na França. O jornalista Raül Zibechi, dedica-se ao ativismo social, refletindo sobre as contradições espaciais presentes na América Latina. O filósofo e romancista francês Alain Badiou, é reconhecido por sua militância em defesa da legalização dos trabalhadores estrangeiros e na defesa do comunismo e por fim, o professor Slavoy ZZizek, filósofo da Universidade de Ljubljana e diretor internacional da Birkbeck, Universidade de Londres, nos fornece um olhar crítico e científico dos meandros capitalistas no processo de expropriação de espaços, grupos e pessoas no cenário internacional.

Quarentena, prevenção, cuidados, infecção, mortes e recuperação são palavras disseminadas cotidianamente pela mídia televisiva, à medida que ocorre a expansão da COVID-19 nos diversos territórios. De fato, a pandemia com proporções internacionais modificou o modo de se ver no mundo, pois tornou o que já era desigual muito mais segregado. A obra traz a discussão de valiosos pesquisadores, com reconhecimento internacional. Fazem parte da equipe os pesquisadores: Mike Davis, David Harvey, Alain Bihr, Raúl Zibechi, Alain Badiou e Slavoy Zizek, que discutem, entre temas e tramas, a crise do coronavírus e as questões de classes impostas pelo modelo neoliberal, que tornam os sistemas de saúde perversos, uma vez que os mesmos objetivam apenas a rentabilidade financeira em meio ao caos pandêmico. A obra se destina e diversos pesquisadores das ciências humanas, sociais e econômicas. Nasce em um período de bastante incertezas ao que cerne a disseminação da Covid-19 no mundo e alicerça uma crítica da materialidade do sistema capitalista no processo de disseminação e obstáculos

para grupos de baixa renda em realizar as políticas de controle de proliferação da doença, como é o caso do distanciamento social. A seguir, conheceremos melhor a obra.

O capítulo escrito por Mike Davis, com o título “A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capital”, traz relevante diálogo, expondo que, indícios acerca da disseminação de uma pandemia em escala global já se faziam presentes nos últimos anos. O professor começa sua discussão, retornando a um conhecimento filosófico, que, por muito tempo, pairou sobre a mente de quem pensa sobre o bem e o mau: a conhecida caixa de pandora. Esse mito, assim como quaisquer outros, apresenta um caráter social. Isso significa que seu principal objetivo é criar regras comuns para que a sociedade interaja segundo alguns padrões sociais normativos, reguladores, aceitáveis.

Nos últimos anos, também cresceu a quantidade de filmes de Hollywood com essa temática, são exemplo o longa-metragem “Guerra Mundial Z”, Vírus, Epidemia, principalmente porque, nas últimas décadas, se tornou comum aos telejornais e documentários abordarem sobre novas doenças em esferas locais, regionais e globais. O leitor já deve ter ouvido falar sobre o poder de genocídio que a gripe espanhola causou em 1918, ou sobre a mutação e proliferação do H1N1 na Ásia, do Ebola no continente africano e, hoje, o percentual de crescimento da COVID-19, que engloba a maioria dos países do planeta.

Para Davis, a Covid-19 apresenta características globais. Em um cenário no qual os movimentos de produtos, serviços e pessoas são cada vez mais rápidos, também há a proliferação de doenças e, assim, chegamos à estatística de que quase todos os países do mundo, em março de 2020, possuíam casos de pessoas infectadas com o coronavírus.

Como as informações se espalham rapidamente, necessita-se de um diálogo mais profícuo sobre a pandemia. Além de tecer caminhos para o entendimento da crise sanitária, o referido autor ainda corrobora para entendermos a visível crise estadunidense frente a essa guerra invisível, refletindo sobre a política de austeridade e a incipiente produção de medicamentos a fim de mitigar as infecções hospitalares. Pode-se, ainda, construir uma análise sobre as dificuldades dos países subdesenvolvidos no enfrentamento dessa crise, em que prezar pela vida sempre será a melhor escolha política.

O segundo capítulo foi escrito por David Harvey, com o título “Política anticapitalista em tempos de COVID-19”. A essência desse artigo é possibilitar um canal de denúncia das políticas de austeridades, que veem, com o tempo, realizando cortes em áreas sociais, como na esfera da saúde, educação e pesquisa. Esse perfil de austeridade obedece à lógica mercantil capitalista, que vislumbra, na rentabilidade e lucratividade do capital, sua essência em

detrimento de políticas mais assertivas para conter o avanço catastrófico da pandemia da COVID-19.

O autor expõe as contradições existentes, por exemplo, na saúde estadunidense, que representa uma lucrativa indústria de saúde e assevera que os mais vulneráveis sofrem as consequências da escassez de atendimento e da burocracia do tratamento de saúde.

A classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta predominantemente por afro-americanos, latinos e mulheres assalariadas) enfrenta a desagradável escolha da contaminação em nome do cuidado e da manutenção de elementos-chave de provisão (como supermercados) abertos ou do desemprego sem benefícios (como cuidados de saúde adequados (HARVEY, 2020, p. 22).

Harvey constrói uma profícua crítica à indústria farmacêutica, expondo sua real essência, que é acumular capital com a proliferação das doenças, e não com a prevenção das mesmas, e afirma: “A prevenção não contribui para uma valorização dos acionistas” (HARVEY, 2020, p. 18). Ele aproxima dessa crítica a face da política instituída pelo governo estadunidense, para efetivar o papel do neoliberalismo e da austeridade, que dissolvem os orçamentos nas áreas de pesquisas de controle de doenças e de mudanças climáticas e explicita:

Se eu quisesse ser antropomórfico e metafórico sobre isso, concluiria que a COVID-19 é a vingança da natureza por mais de quarenta anos de maus-tratos grosseiros e abusivos da natureza sob a tutela de um extrativismo neoliberal violento e desregulado (HARVEY, 2020, p. 18).

O autor ainda aponta que, assim como outrora, o sistema capitalista deverá investir e incentivar o consumismo em massa, que hoje não contará com o apogeu Chinês, como ocorreu nos anos de 2007 e 2008, e que, por concentrarem numa geopolítica mundial unipolar, os Estados Unidos da América deverão reger com o que se chama de “economia ‘Netflix’, que de qualquer forma se destina aos espectadores compulsivos” (HARVEY, 2020, p. 23), para um aumento potencial do consumo já tão praticado pela nação, berço da política neoliberal.

O terceiro artigo foi escrito pelo professor Alain Birh, intitulado “França: pela socialização do aparato de saúde”. O autor inicia sua abordagem refutando a tese de abertura do sistema de saúde, defendida pelos neocapitalistas, expondo a fragilidade da premissa que “todos têm um ‘Capital de saúde’ do qual são o principal, senão único, responsável (BIHR, 2020, p. 25). O que falar das áreas e das pessoas que não possuem o mínimo de recursos para realizarem a profilaxia e necessitam se deslocar, em pleno pico pandêmico, pelos espaços urbanos, repletos de insalubridade e precariedade? Birh pondera, portanto, sobre a ideia de que a saúde é, antes de mais nada, um bem público. Logo, deve ficar a encargo do poder público na sua administração, oferta, fiscalização e execução.

O estado saudável ou mórbido do corpo de cada pessoa depende em primeiro lugar do estado saudável ou mórbido do corpo social, do qual o primeiro é dependente ou um simples apêndice, e da capacidade ou não do referido corpo social se defender, por si ou através das suas instituições políticas, contra fatores patogênicos, em particular desenvolvendo um sistema de assistência social eficiente e uma política de saúde pública que proporcione ao segundo os meios necessários e suficientes (humanos, materiais, financeiros) (BIHR, 2020, p. 25).

O artigo em questão aponta ainda o processo de desestruturação dos hospitais públicos na França, que não condiz com o imposto pago, anualmente, pela classe trabalhadora, e por todos os contribuintes em geral, e sua incipiente prestação de serviço de qualidade para todos. O caráter neoliberal vem estrangulando, financeiramente, a saúde pública e os hospitais franceses, repercutindo em uma má assistência aos pacientes. A pandemia revelou as facetas de contradições entre rede pública e privada, que, inclusive, não conseguiram formular uma preparação técnica e cautelosa para a inserção de alas, de hospitais de campanha e de profissionais de linha de frente. É exatamente devido a esse volume crescente em certo momento de infectados e de uma incipiente rede de cuidado aos infectados que cresce a defesa de que cabe a cada um cuidar do seu “capital de saúde”, pois, desse modo, exclui o dever do Estado e não expõe a culpa do neoliberalismo, que força, cada vez mais, que os indivíduos adquiram um contrato de seguro de saúde.

O quarto capítulo, com o título “Coronavírus: a militarização das crises”, foi escrito pelo pesquisador Raúl Zibechi. O autor inicia sua abordagem escrevendo sobre a ótica do controle populacional, que ocorreu na China, devido à pandemia da COVID-19. Revela que as políticas instituídas, por exemplo, em Wuhan e na província de Hubei, onde vivem cerca de 60 milhões, foi bastante atuante, com forte presença de fiscalização, uso de equipamentos de prevenção e controle de saída de casa, mesmo para comprar alimentos. Tinha “a impressão de um enorme campo de concentração a céu aberto pela imposição de quarentena a todos os seus habitantes” (ZIBECHI, 2020, p. 31).

“Sobre a situação epidêmica”, o penúltimo artigo, escrito por Alain Badiou, que constrói sua crítica norteando o estado de repouso dos países em buscarem financiar e descobrirem possíveis curas para as mutações virais. O autor deixa bem claro, em sua análise, que a COVID-19 é o novo, outra vez, pois, na última década, o mundo já vivenciou a “Síndrome Respiratória Aguda Grave 1” e, desde o final do ano de 2019, vem passando pela SARS-2. Outro ponto trazido na discussão feita pelo autor é que periodiza a escrita do artigo, revelando as incipientes ações de direção para o enfrentamento da COVID-19, por diferentes nações, e expõe afirmando que

O desafio da epidemia está em toda parte dissipando a atividade intrínseca da Razão, obrigando os sujeitos a retornar àqueles efeitos lamentáveis – misticismo, fabulação, oração, profecia e maldição – que eram habituais na Idade Média quando a peste varreu a terra. (BADIOU, 2020, p. 37).

Porém, o ponto chave da análise do autor é discutir, categoricamente, a globalização, expondo a forte presença da economia chinesa no cenário comercial do mundo e como as redes de comunicação globais propiciam o alargamento do contágio da COVID-19. Ele expõe um retorno da necessidade de se pensar políticas de cunho nacionalista e assistencialista para suportar os graves dilemas sociais, econômicos e sanitários impostos pela pandemia, apoiando-se, fortemente, em um discurso dos dirigentes franceses, do presidente E. Macron ou do primeiro-ministro Edouard Philippe:

Segue-se que a metáfora de Macron, “estamos em guerra”, é correta: na guerra ou na epidemia, o Estado é obrigado, por vezes transgredindo a rotina normal de sua natureza de classe, a empreender práticas mais autoritárias e, ao mesmo tempo, mais genericamente dirigidas, a fim de evitar uma catástrofe estratégica (BADIOU, 2020, p. 39).

No último artigo, com um instigante título: “Um golpe como o de ‘Kill Bill’ no capitalismo”, Zizek constrói sua narrativa, relacionando a cena final do filme “Kill Bill”, de autoria de Quentin Tarantino, à discussão sobre qual sistema econômico apresentará forte falência: o Chinês ou o ocidental. Zizek assim expressa, com prontidão e expertise:

A minha modesta opinião é muito mais radical. A epidemia do coronavírus é uma espécie de “técnica de cinco pontos para explorar um coração” destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical (ZIZEK, 2020, p. 44).

Ele expõe, em sua discussão, a importância de Organizações Mundiais, como a de Saúde (OMS), para direcionarem ações mais eficientes para mitigarem os diferentes tipos de crise existentes no planeta. Defende que essa instituição “deveria ter mais poder executivo” (ZIZEK, 2020, p. 45). Ele aponta, inclusive, o papel da OMS na labuta para o enfrentamento além da COVID-19, para expandir as buscas por soluções para diferentes mazelas vivenciadas no cenário mundial, como as questões de aquecimento global, fome, extrema pobreza, entre outras.

Zizek discute que, apesar desse período turbulento, promovido pela expressiva morte de pessoas e pela infecção de outros milhares, floresceu, no planeta, uma maior relação solidária, fortemente marcada por uma aproximação mútua, e houve o nascimento de uma mudança radical, uma vez que, a catástrofe pandêmica fez emergir um repensar da sociedade, fortemente marcada pelo individualismo, e que agora necessita se ver como integrante da esfera global.

A obra permite uma reflexão profunda sobre o perfil de Estados e do sistema neoliberalista no processo de expropriação das relações econômicas e sociais, e o que torna a

sua leitura essencial é a conexão entre diferentes políticas instituída no cenário mundial, revelando uma geopolítica do poder ao que cerne a inserção e dissipação da Covid-19 no globo. Revela que é necessária a interpretação de uma narrativa mais crítica, é necessário reverter a ideia de quando a peste e a morte se aproxima da vivência cotidiana, todos estão sujeitos aos seus efeitos e perdas, a obra e os emaranhados de ideias e reflexão posta pelos autores, permite perceber que a divisão de classe, inibe o tratamento, prevenção e direito a vida e renda dos mais pobres, deste modo, no sistema capitalista nada existe de democrático. A obra pode ser encontrada indexado no observatório das metrópoles.